

Paulo Nogueira, de Paris

Primero, vieram na França as “séquestrations de patrons”, que ganharam o noticiário em escala global sob a forma inglesa: “bossnapping”. Literalmente, “sequestro de chefes”, em português. É um risco ao qual de alguma forma se acostumaram os principais executivos de empresas que estão demitindo funcionários na França no curso da recessão econômica de 2009. Presidentes e diretores de companhias tão diferentes entre si como 3M, Caterpillar, Sony e Michelin viveram essa experiência recentemente na França. Em busca de melhores condições de saída para os demitidos, os funcionários mantiveram os chefes em cativo dentro da própria empresa. Não por muito tempo: um ou dois dias. E também não sob pressão da polícia e da Justiça: embora o presidente Nicolas Sarkozy tenha reprovado publicamente as séquestrations de patrons, nenhum participante enfrentou, até aqui, cadeia nem processo.

Mais recentemente, os franceses galgaram um novo – e mais perigoso – degrau nos protestos contra demissões. Empregados da New Fabris, uma fábrica de autopeças falida na pequena cidade de Châtellerault, 35 mil habitantes, a cerca de 260 quilômetros de Paris, ameaçaram explodir as instalações caso suas reivindicações não fossem atendidas. Eles exigiam 30 mil euros de indenização, ou R\$ 80 mil, para cada um dos 366 demitidos. Não miraram, astuciosamente, nos bolsos esvaziados dos proprietários quebrados, mas nos cofres de grandes clientes da New Fabris, como as montadoras francesas Renault e PSA Peugeot Citroën, para as quais o governo francês há poucos meses concedeu empréstimos copiosos para enfrentar a crise. A data-limite: 31 de julho. Dias antes, chegou-se a um acordo mediante o qual foram desativados os botijões de gás verdes com registro laranja conectados entre si por um cabo elétrico e improvisados precariamente em bomba na frente do prédio da New Fabris. É um edifício branco e pichado de frases intensamente exclamativas como “On veut la prime!!!” (“Queremos a indenização!!!”).



Vai demitir na Fr

Os franceses reagem com rigor às dem

O ministro da Indústria, Christian Estrosi, deslocou-se pessoalmente a Châtellerault para negociar com os insurrectos. A suspensão da ameaça tinha sido uma “condição essencial” para o encontro, segundo Estrosi. Os demitidos não levaram exatamente os 30 mil euros exigidos, mas faltou bem pouco. Pelo acordo, eles receberão 17.500 euros na saída e mais uma ajuda de 11 mil euros para que arrumem um novo trabalho.

Feitas as contas, 28.500 euros, 1.500 euros menos que o total exigido, mas o suficiente para que a paz fosse devolvida às ruas habitualmente serenas de Châtellerault. Enfim desocupada, depois de mais de um mês, a New Fabris será liquidada judicialmente.

Episódios como esse ilustram à perfeição as peculiaridades da alma francesa. A maior parte dos franceses, conforme demonstram as pesquisas, não apenas entende como



À ESPERA
 Ocupantes da New
 Fabris jogam tênis de
 mesa. Eles ameaçam
 explodir a fábrica se
 suas reivindicações
 não forem atendidas

aos leitores as razões do prestígio entre os franceses do bossnapping. Johnson é autor de um livro chamado *A resistência francesa: os indivíduos vs as empresas na vida corporativa francesa*. Johnson traça um perfil fino e equilibrado do francês no trabalho, um notável contraste ao modelo de entrega quase total dos americanos ao escritório, consagrado no workaholismo. Os franceses não costumam fazer amigos no trabalho, e sim fora dele, onde são menores as chances de motivações interesseiras, e não acreditam em situações em que empresa e empregado saem ganhando, o win-win. Às 5 da tarde, a expressão que mais se ouve é au revoir – até amanhã. Johnson comandava um grupo de pessoas na França e uma vez ouviu de um jovem a seguinte resposta diante de um pedido que fizera: “Não sou pago para isso”. A desconfiança é mútua. Também a administração costuma enxergar com reserva os funcionários. “Em muitas empresas francesas a direção vê os empregados como pouco produtivos e inconfiáveis, e os diretores são tidos como exageradamente pagos e pouco ciosos das pessoas”, segundo Johnson. Uma pessoa com a qual trabalhava disse a ele, certa vez, que uma “oposição organizada” à direção das empresas é necessária porque não existe “chance real de diálogo”. A despeito disso, ou exatamente por causa disso, Johnson se declara um “francófilo”: admira o valor que o francês dá à vida pessoal.

Ameaças explosivas como a de Châtellerault são de esperar depois que os demitidos levaram quase todo o dinheiro que exigiram? Não, porque isso poderia acabar minando a aprovação popular aos revoltosos. Mas as séquestrations de patrons tendem a ser um fato da vida na recessão francesa. Uma consultoria recém-aberta na França tem como clientes empresas interessadas em que se reduza ao mínimo o risco de altos executivos se tornarem reféns. Um dos conselhos básicos dados aos diretores pela consultoria: tenham em todo caso à mão uma muda de roupa extra. ♦

anção? Attention

ões - e são aprovados pela população

aprova ações enérgicas de empregados no confronto com as empresas. “Se eles não fizessem nada, não levariam nada”, diz um morador de Châtellerault que apoiou, a distância, o movimento. O cientista social Guy Groux, do Institut d’Études Politiques de Paris, olha para o passado para explicar o presente. “Razões sociais, culturais, históricas e até nostálgicas fazem o francês aceitar coisas que seriam condenadas em

outros países”, diz Groux. “Isso para não falar nas suspeitas na França sobre o capitalismo e a globalização.” A história da França é cheia de revoltas reverenciadas pelos franceses, acima de todas as quais reina a Revolução de 1789.

O americano Michael Johnson, que trabalhou na França por vários anos, escreveu em maio passado um artigo no *The New York Times* em que tentou desvendar